

ALAVARSE, OCIMAR MUNHOZ

ESCOLA SUSPENDE AULA PARA BAILE FUNK

2009

Escola suspende aula para baile funk

Alunos de pelo menos seis escolas foram dispensados este ano para realização de festas

MARCELA SPINOSA, FELIPE ODA E FÁBIO MAZZITELLI

Alunos de pelo menos seis escolas estaduais da capital foram dispensados mais cedo neste ano ou não tiveram aula para que as unidades de ensino abrigassem uma "balada" promovida em parceria com a Rádiorio Metropolitana FM.

As festas – batizadas pela emissora de "Descolada" e também realizadas em colégios particulares – eram realizadas nas escolas do Estado há pelo menos dois anos e, em geral, às sextas-feiras, o que causava a suspensão das aulas do período noturno. Além disso, havia cobrança de ingresso e o dinheiro era repartido entre as Associações de Pais e Mestres (APMs) das escolas e uma empresa criada por representantes da emissora de rádio. A cessão do prédio para ganhos comerciais de terceiros contraria os princípios do colégio, e do serviço, público, na visão de especialistas. Recursos obtidos com eventos comunitários nas escolas públicas – como festas juninas, por exemplo – têm de ser revertidos exclusivamente para a melhoria dos colégios, por meio das ações das APMs.

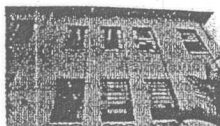
Ontem à noite, a balada estava

PROBLEMAS



14/03/2008

➤ o JT flagrou que um baile funk, com drogas e sexo, era realizado aos sábados em frente à Emef Isabel Vieira Ferrel, no Pq. Primavera, zona sul. Pátio e banheiros da escola eram 'invadidos' pela festa



12/11/2008

➤ briga entre duas meninas teria dado início a uma confusão que terminou em 'rebelião' dos alunos, com depredação e invasão da PM na Escola Estadual Amadeu Amaral, no Belém, zona leste da capital

marcada para a Escola Estadual Padre José de Anchieta, no Brás, na região central, mas foi cancelada durante a tarde, depois que a reportagem questionou a Secretaria de Estado da Educação sobre o evento. A pasta, que abriu apuração preliminar para apurar os fatos, afirma que desconhecia essas festas, nunca fez parcerias e que as baladas agora estão proibidas. "Não haverá evento na Escola Estadual Anchieta nem em nenhuma outra escola da rede estadual de ensino", anunciou a secretaria.

Balada pop

Nos bailes, guardados por seguranças particulares da empresa organizadora, os sons vão do funk à

black music, passando por hip-hop e psytrance (música eletrônica). Para entrar, é preciso comprar convite. Quem adquire antecipadamente paga entre R\$ 7 e R\$ 8. Na hora, o preço é R\$ 10. Na Padre José de Anchieta, segundo uma integrante da direção da escola, foram vendidos cerca de cem ingressos de forma antecipada. As festas costumam reunir centenas de jovens, a maioria entre 12 e 21 anos. Começam às 18h e seguem até 22h ou 23h. No caso da escola estadual Eduardo Prado, que recebeu a "Descolada" em 17 de abril, a festa terminou às 2h, de acordo com os estudantes.

Na Anchieta, segundo a funcionária que não quis se identificar, a

APM da escola ficava com 40% do dinheiro arrecadado e a empresa promotora do evento com o restante. A reportagem encontrou em contato ontem à tarde com a assessoria de imprensa da Metropolitana FM, mas a emissora afirmou que o diretor responsável pelos eventos não foi localizado.

Segundo o JT apurou, o projeto "Descolada" é promovido pela emissora como um evento escolar e o projeto é enviado por e-mail aos diretores – a empresa organizadora cede o DJ, os equipamentos, as luzes e os seguranças. Alguns diretores aceitam abrigar a festa, mas outros, não. Pelas regras, a venda de bebidas alcoólicas seria proibida nesses eventos.

Na Antonio Firmino de Proença, escola depredada anteontem, a balada noturna e a dispensa dos alunos gerou uma reclamação formal de uma mãe à Secretaria da Educação, em abril. Os alunos, no entanto, dizem gostar das festas.

A escola Anchieta diz que, ontem, a dispensa dos alunos ocorreu por causa do conselho de classe e afirmou que o dinheiro arrecadado com as festas – que ocorrem há dois anos na unidade – é usado em despesas do cotidiano escolar. Como exemplo, uma funcionária citou a necessidade de tirar fotocópias de provas bimestrais, já que as duas máquinas da unidade estavam quebradas. O custo das cópias chegaria a R\$ 1.600 – a escola tem 1.600 alunos.::



Alunos foram dispensados ontem na Escola Estadual Padre Anchieta

Especialistas veem irregularidade

Profissionais que trabalham na área educacional contestam a cessão do espaço escolar para a realização de "baladas" dos alunos.

Além de prejuízos pedagógicos causados com a suspensão ou liberação de aulas, os especialistas apontam também a possibilidade de irregularidades na organização desses eventos, já que o prédio público é cedido para uma empresa com fins comerciais, que obtém ganhos com o evento.

Prédio público é cedido para empresa com fins comerciais, que obtém ganhos com o evento

Na visão de educadores ouvidos pelo Jornal da Tarde – alguns trabalham na rede e preferiram não se identificar – a partir do momento que cobra ingresso para a balada, a escola está discriminando a entrada de pessoas e limitando o uso do prédio público, o que contraria o princípio da escola.

Além de não cobrar a entrada, segundo os educadores, o colégio devia realizar evento cultural que não afetasse a dinâmica escolar.

"A princípio, nesse caso (das baladas), há uma distorção do ambiente escolar, cujo objetivo é sobretudo ensinar e transmitir valo-

Esse tipo de atividade, ainda que possa ter alguma legalidade, é uma imoralidade do ponto de vista pedagógico. Acho que isso é um crime"

OCIMAR MUNHOZ ALAVARSE, PROFESSOR DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA USP

res", afirma a promotora Luciana Bergamo, designada pelo Ministério Público para acompanhar o projeto de Justiça Restaurativa na rede estadual de ensino.

A promotora, que integra uma comissão permanente de estudos na Secretaria Estadual da Educação, disse ter ficado surpresa com a informação da organização de festas nas escolas da rede.

"Acho louvável as iniciativas de abrir a escola para a comunidade, permitindo sempre a participação dos pais. Mas não me parece que seja esse o caso. Nunca tinha ouvido falar da cessão de escolas para festas e não me parece adequado, para usar uma palavra mais sutil, suspender aula. O obje-

tivo da escola não é promover festas", diz Luciana Bergamo.

Professor do Departamento de Administração Escolar da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), Ocimar Munhoz Alavarse criticou mais duramente as baladas noturnas nas escolas estaduais da capital.

"Esse tipo de atividade, ainda que possa ter alguma legalidade, o que tenho dúvidas, é uma imoralidade do ponto de vista pedagógico. Acho que isso é um crime", afirma Munhoz Alavarse.

"Diante da precariedade do ensino revelada pelos números do Saesp (exame de avaliação da rede), a suspensão de aulas por esse motivo torna ainda mais precário o que já está assim. A escola abre mão do pouco que tem", diz.

O professor da Faculdade de Educação da USP também tomou conhecimento dessas festas após o contato da reportagem.

"A escola não cabe patrocinador ou favorecedor. É questão de prioridade e uma (emissora de) rádio tem interesses comerciais". Consultado, o sindicato que representa os diretores das escolas estaduais de São Paulo (Udem) disse que são necessárias duas condições para eventos organizados nos colégios: ter caráter cultural e ser voltado para a comunidade.::

Rede da Grande SP terá câmeras, afirma secretário

O secretário estadual de Educação, Paulo Renato de Souza, disse ontem em entrevista à rádio CBN que lançará no próximo dia 31 um plano para melhorar a segurança nas escolas de toda a rede estadual.

Entre as metas está a instalação de câmeras de segurança em todas as escolas da Grande São Paulo. A colocação dos equipamentos nas unidades da rede já havia sido anunciada em janeiro, depois que a Escola Estadual Amadeu Amaral, na zona leste da capital, foi depredada em novembro pelos estudantes.

Segundo o secretário, será contratada uma empresa para supervisionar e dar suporte ao programa. Haverá um sistema via Internet em que qualquer membro da comunidade escolar poderá fazer denúncias anônimas, que serão analisadas em seguida por uma equipe. O projeto também já havia sido divulgado pelo ex-secretário Maria Helena Guimarães de Castro.

O secretário afirmou ainda que está sendo organizado um grupo de trabalho subordinado ao secretário-adjunto, que vai acompanhar e fazer o contato dos secretários com os órgãos de se-



O secretário Paulo Renato Souza

gurança do Estado, com o objetivo, disse, de estabelecer uma relação ágil, que apresente uma resposta adequada à violência.

Segundo o secretário, está em fase de finalização um código de conduta para os diretores das escolas. Nele serão definidos quais casos deverão ser investigados pela polícia e quais questões são educacionais. O código e as outras medidas serão anunciadas para rede, segundo o secretário, por meio de uma videoconferência em que ele participará em conjunto com todas as pessoas vinculadas às questões de segurança.

Prefeitura não sabia de festas nos colégios

A Subprefeitura da Mooca afirma que não tem conhecimento da realização de festas nas escolas estaduais Padre José de Anchieta, Eduardo Prado e Antônio Firmino de Proença. Uma autorização da administração regional é necessária para eventos públicos que comportem até 500 pessoas, informou a subprefeitura ontem.

Essas três unidades de ensino estão entre as seis da rede estadual em que houve balada neste ano. Os prédios estão localizados em área administrativa da Subprefeitura da Mooca e, na parte educacional, pertencem à Diretoria Regional de Ensino do Centro, da Secretaria Estadual da Educação.

Segundo a Subprefeitura da Mooca, caso a lotação de um evento supere 500 pessoas, a autorização tem de ser fornecida pelo Departamento de Controle do Uso de Imóveis (Contru), até o início do ano ligado à Secretaria Municipal de Habitação e, agora, ligado à Secretaria de Controle Urbano da Prefeitura de São Paulo. Procurada ontem à noite, a pasta informou que não poderia consultar se foram concedidas autorizações para as festas em razão do horário. V.S.::

Metade dos alunos pela manhã

A Escola Antônio Firmino de Proença retomou as atividades no dia seguinte à depredação com cerca de metade dos alunos que estudam pela manhã. Segundo um deles, os professores não quiseram tocar no assunto. O contrário acontecia do lado de fora, onde grupos de jovens matriculados na unidade discutiam o episódio após a saída das 12h20.

Amigos dos jovens detidos – que não quiseram se identificar – diziam ser falsa a informação de que eles estivessem com macanha. Crianças do segundo ciclo do ensino fundamental – algumas acompanhadas dos pais – saíram rapidamente. Pelo menos duas viaturas da Ronda Escolar da Polícia Militar estavam de prontidão por volta das 12h30.

Estudantes do período da tarde, no qual está matriculado João (nome fictício), o mais jovem dos detidos, não foram afetados.

Do lado de fora, a Firmino de Proença não apresentava muitos sinais do conflito da véspera. Não havia marcas do descarte dos 47 vidros, 50 carteiras, duas mesas de professor, dois bancos, dois cavalotes e quatro cestos de lixo avariados durante a confusão, segundo o boletim de ocorrência. Segundo a Secretaria de Estado de Educação, todo o material já havia sido devolvido após o evento.

As imagens do circuito fechado de TV da escola foram requisitadas, segundo o delegado-assistente do 8º DP, Eduardo Luís Ferreira. "O pessoal já quebrou essas câmeras faz uma cara (longo tempo)", disse um estudante. A partir da semana que vem, funcionários

serão ouvidos para tentar identificar os responsáveis pelo quebra-quebra na unidade.

A versão dos alunos detidos é conflitante. Segundo a reportagem apurou, José (nome fictício), de 16 anos, afirma ter sido agredido por um dos dois policiais militares que detiveram ele e João (nome fictício), que fez 15 anos no dia da confusão. O mais velho teria alegado que o PM chegou a levá-lo para trás da quadra da escola

onde continuou a apanhar. Ontem, ao passar em frente à escola, não foi possível observar marcas dos supostos golpes. A avó do estudante João, Socorro, de 48 anos, diz que ele negou ter apanhado da polícia. O delegado Ferreira afirma que os dois estudantes não afirmaram terem sido agredidos quando foram ouvidos na presença dos pais no Distrito Policial.::

Vitor Soriano



Dia seguinte à depredação, o calor na Escola Antônio Firmino